

## LUSOFONIA – pequeno esclarecimento

Meados dos anos noventa, em Munique, no fim de um sarau literário, uma brasileira e uma portuguesa começaram a sonhar juntas. Surgiu a ideia de tornar mais conhecidas as culturas em língua portuguesa na cidade alemã onde viviam. Nos últimos dez anos este sonho tem vindo a ser concretizado pela nossa associação em inúmeros encontros com vozes marcantes da literatura, em espetáculos de alta qualidade, em debates pertinentes para a atualidade e confrontos com ideias novas das artes e das culturas que se exprimem em qualquer variante da língua portuguesa.

Desde o princípio que nos demos, talvez ingenuamente, o nome de LUSOFONIA. Cheios de entusiasmo apresentamos práticas artísticas e produtos culturais provindos de países onde o português ou é língua-mãe ou idioma oficial junto com outras línguas autóctones. Partilhamos a experiência com o público de Munique, alemão, interessado, curioso e amante da língua portuguesa, como também com público das diásporas, sempre desejoso de reencontros com as origens e predisposto a trocas com toda e qualquer cultura que também se exprima em português. Pois não deixando de haver numa situação de diáspora identidades específicas nos vários grupos migrantes, estes ultrapassam mundividências próprias e estereótipos para se juntarem em encontros informais, leituras, espetáculos de música e artes performativas, debates e tertúlias e aí conviverem numa língua comum.

Língua essa que entronca no latim, se foi formando numa região limitada na zona oeste da península ibérica e que, a partir do século XV, no longo processo histórico da expansão e do colonialismo, se disseminou, em menor ou maior grau e servindo-se do poder político, por vários continentes.

Estamos cientes da complexidade do termo lusofonia. Luso remete para a região da península ibérica à qual os romanos chamaram Lusitânia e que cobria uma parte daquilo que depois se tornou Portugal. Camões pegou no radical luso acrescentando-lhe o sufixo „ada“ para nomear os portugueses e chamou ao proto-poema em língua portuguesa „Os Lusíadas“, nome onde ecoam as epopeias clássicas como „Eneida“ ou „Ilíada“. É no século de Camões, em 1536, em Lisboa que se imprime a primeira gramática da língua portuguesa, onde se exalta a especificidade duma língua nacional, argumento importante para justificar, algumas décadas mais tarde, em 1640, a restauração da nacionalidade. Vários tratados dessa época invocam o nome Lusitânia, fazendo crer que a identidade do povo português se fundava na „crença numa comunidade étnica natural“. O termo luso remete para um Portugal natural que teria existido já antes do Portugal político. São discursos identitários que até aos nossos dias viajam em marcha à ré para o mundo nebuloso dos mitos...

Um conjunto de países, em vários continentes, cuja língua dos falantes ou cuja língua oficial é o idioma português, não deve firmar a sua existência sobre quimeras imperiais. E não podemos

sonegar as sombras de quinhentos anos de convivência que violentou terras e viventes e cujas consequências muitas populações sentem até hoje. Rejeitamos o termo lusofonia se tratado como nova forma de império. A palavra lusofonia serve apenas, e bem, para dar voz a uma multiplicidade de culturas que, por razões históricas e não inocentes, falam uma mesma língua, mas nem por isso uma língua igual, porque ela se constitui em quotidianos bem diferenciados, em mundividências plurais, em periferias e centros, em sul e norte, em espaços do globo diferentes entre si. Trazemos a Munique não só diversas culturas, mas a própria diversidade das variantes do português que essas culturas têm moldado ao longo do tempo.

Ao dinamizar ideias, delinear e estruturar um evento a haver para o fruir quando ele acontece, movimentamo-nos nessa „esfera de comunicação e compreensão determinada pelo uso da língua portuguesa “, de que fala Eduardo Lourenço, sabendo de que isso nos distingue de outras associações em Munique que falam outras línguas. Apostamos na criatividade de poetas, músicos, artistas de várias áreas e na contaminação recíproca. Apostamos nas margens das culturas lusófonas onde ecoam as culturas primeiras de diversos lugares do mundo. Apostamos no fecundo convívio que os eventos sempre veiculam.

Continuamos a cativar o público de Munique, a envolvê-lo com o Outro que se plasma e mostra em múltiplos Outros, que por sua vez dão parte de outros mundos que entre si agem e para aqui vêm dialogar.

*Devo estas reflexões a várias leituras e a autores, dos quais destaco os ensaístas Eduardo Lourenço e Onésimo Teotónio Almeida e o poeta Luís Filipe Castro Mendes.*

Luísa Costa Hölzl, outubro de 2020